

OLHAR O CENTRO E VER A CIDADE MOVER-SE

João Batista de Deus, Eguimar F. Chaveiro

Doutorandos em Geografia Humana, no Depto. de Geografia-FFLCH/USP e professores da Universidade Federal de Goiás/IESA/Geografia

Luiz Carlos P. Borges

Aluno do curso de Geografia do CAJ/UFG – bolsista do CNPq

RESUMO:

As transformações no centro urbano de Jataí-Go estão intimamente ligadas às mudanças econômicas e sociais ocorridas no Brasil ao longo das duas últimas décadas. Neste período Goiás passou por um desenvolvimento extraordinário. As mudanças ocorridas no campo provocaram grandes alterações nas cidades, como exemplo, podemos citar as migrações campo-cidade na Região Centro-Oeste, que chega em 1991 a ser a segunda região mais urbanizada do país, com apenas 19,22% de moradores no campo. O aparecimento de mão-de-obra técnica em Jataí, para atender a modernização na agricultura, pressionou por melhoria dos serviços prestados à comunidade, tanto públicos, como privados, provocando alterações na paisagem em toda cidade, em especial no centro urbano jataiense com o incremento das atividades econômicas. Observa-se que as mudanças na região e a forma com que elas se territorializaram no município de Jataí, incitaram transformações na cidade em geral e no centro em particular.

PALAVRAS-CHAVE:

Urbano, desenvolvimento, centro, fluxo urbano, objetos urbanos.

RESUMÉ:

Il s'agit d'une étude sur les transformations au centre ville de Jataí-GO. Celles-ci sont fortement liées aux changements économiques et sociaux qui passent au Brésil depuis 1975. Dans cette même période l'état de Goiás a eu un développement extraordinaire. Les changements dans la campagne ont provoqué grandes altérations dans les villes comme par exemple l'augmentation de leurs populations due à l'exode rural exode dans la région Centro - Oeste. Cette région depuis 1991 est devenue la deuxième région la plus urbanisée du pays ayant 19,22% à peine des habitants au milieu rural. Dans le cas de Jataí la modernisation a attiré une main d'oeuvre technique qui a forcé l'amélioration des services publics et privés par laquelle a eu une croissance des activités économiques changeant le paysage urbain en particulier au centre ville.

KEYWORDS:

Urbain, développement, centre.

Introdução

As ruas são retas, marcam ângulos de 90 graus, fazendo esquinas triangulares; observam-se, margeando-as, calçadas, também, retas, todavia ziguezagueantes sob altura um pouco acima das ruas. Os paralelepípedos são os limites entre as ruas

e as calçadas, exercem funções de divisor de águas. Isto mesmo: eles são pequenas muralhas que, entre outras funções, executam a de emparedarem o escoamento das águas para os bueiros ou, para as ruas com declividades inferiores. Porém é mais do que

isto: não somente sobre as calçadas, mas também sobre as orlas das ruas vêm-se pessoas transitando, algumas mais aceleradas, outras lentas, desavisadas, saboreando a tranqüilidade interiorana. O compasso dos transeuntes pode ser classificado mediante as atividades que exercem no uso que fazem das ruas e das calçadas: os compradores, os vendedores, os trabalhadores, os usuários de bancos, os moradores, os agentes do poder público municipal e, também, os “rueiros”

A verdade é que no interior das pistas das ruas o som é dolorido, soa intermitente a partir de ecos enfumaçados. Veículos, principalmente de “passeios” rosnam, gritam, desfilam conduzidos que são por pessoas que, por sua vez, estão em atividades, alimentando o fogo da cidade, ajudando caracterizar a temperatura do espaço, assumindo o seu posto principal – criar o movimento, usar o centro, transformá-lo em “peça” viva do acontecimento social e histórico deste momento. Neste espaço tão inquieto quanto diferenciado, como fazer para entendê-lo?

Ora, já foi dito, o trabalho científico se faz a partir de componentes sistemáticos, lógicos, geralmente mediando três elementos que se interagem: o epistemológico, o ontológico e o axiológico, ou seja, um sujeito – o sujeito cognoscente, uma base teórico-metodológica, o objeto cognoscível e os valores que se *despreendem* das opções analíticas feitas.

A imbricação desses elementos garante o tecido da reflexão, promove-a com o rigor da linguagem científica. Neste sentido, levantar-se-ão categorias e componentes da geografia urbana, que podem encaminhar investigações sobre o centro da cidade, levando-se em consideração as bases sociais e históricas que fundamentam a criação e a recriação incessante deste tipo de espaço e o talhamento subjetivo: os valores, o imaginário, a fetichização, a alienação, os gostos, os hábitos, as ideologias, como vetores culturais e espirituais que penetram no âmago de qualquer atividade social, tornando-a documento e testemunho dos rastros humanos sobre o espaço. SCARLATO analisando o bairro “Bixiga” faz uma brilhante consideração do que se denomina de Topoanálise:

“A topoanálise permite-nos perceber o nível de subjetividade na relação tempo e espaço vivido pelo homem nos momentos dos “saltos qualitativos” do processo histórico; a maneira como se produz o imaginário naquela relação – no selo do “vão suspenso” – criando muitas vezes um mundo de devaneios de representações férteis para a proliferação de ideologias” (SCARLATO, 1988, p. 88).

Percebe-se, assim, que a cidade somente existe em movimento, alçada em dinâmicas, as mais variadas, não tão-somente no que diz aos deslocamentos dos veículos, dos agentes, dos fluxos de mercadorias, coisas e idéias, mas também de valores, apreços, feições, permitindo que, ao estudar o centro, entenda-se isto vivamente, podendo detectar, tanto em escala grande quanto em escala pequena, o frenesi urbano e seus desdobramentos sociais, ambientais e humanos, oferecendo material para o entendimento da vida de uma comunidade e para profissionais que planejam a cidade, nos variados sentidos, como o de recuperação, tombamento, revigoramento, reordenamento, refuncionalidade, revitalização, conservação, preservação, mudança de rotas, construções de patrimônios culturais e históricos etc.

Paisagem urbana: mácula do tempo e da cultura

Desde os primórdios da Geografia Clássica até os dias de hoje se tem esboçado a importância da categoria paisagem no pensar geográfico. Diferentemente do arquiteto, com as idéias de *design*, de fachada, ângulos convencionais etc e de pintores, escultores e demais componentes do mundo da arte, a partir da compreensão de estética, a Paisagem Geográfica se nos revela enquanto uma categoria que não apenas expressa, mas permite a leitura, a interpretação do modo de funcionamento das sociedades historicamente espacializadas.

Deste modo, não se reduz à idéia mais simplista de FORMA enquanto puramente empiria; é, verdadeiramente, uma categoria de leitura geográfica do mundo, mediante a qual se desvelam as di-

ferências, as contradições, os antagonismos, os agentes sociais que constroem e tecem o espaço geográfico, podendo compreender imagens, ritmos, fluxos, rugosidades, dimensões, distribuição e extensão, assim como valores e motes culturais traduzidos em manifestações, em símbolos, objetos, monumentos etc. Assim, a leitura da paisagem e a sua compreensão são um dos principais objetivos do geógrafo. Mediante isto é que se desenvolve preliminarmente a reflexão da temática proposta: quais são os tipos de relações, processos e ações que são apreendidos entre paisagem urbana, tempo e cultura? Como relacioná-los?

Urbanização e cultura

Desde os geógrafos clássicos como Pierre George até os urbanistas recentes há a preocupação de conceituar o que seja urbanização. Ou melhor: há a necessidade de se fazer uma separação entre urbanização e cidade. Apesar de não existir uma sem a outra, entende-se urbanização como o processo social e histórico que preside uma variedade de acontecimentos no campo da economia, da política, da cultura etc., que se materializa na cidade. Esta é, portanto, a concretização material desses processos realizados em termos de paisagens e movimentos territorialmente delimitados.

Desta maneira, a urbanização é geral, totalizadora, a cidade é específica, particular. A urbanização se espacializa enquanto cidade. A cidade encarna os componentes da urbanização. Por outro lado, a forma, o grau, o nível que a urbanização se realiza em cada cidade cria a sua URBANIDADE. Esta diz respeito às variáveis e aos componentes, bem como às contradições e aos agentes que, produzidos pela urbanização, incidem ou não em tais ou quais cidades, a partir de sua história, de sua funcionalidade e de suas funções. Como fazer para descobrir quais os agentes, os fatos e as razões históricas que fundam a urbanização atual, cujo desdobramento prático é a constituição das cidades e de suas paisagens, seus esquadrinhamentos, suas arrumações?

Inicialmente é necessário compreender que a existência das cidades é algo antigo. Os historiadores da cidade afirmam que a concentração humana num mesmo local apesar de ter diferentes formas ao longa da história desde muito existiu. Talvez uma das primeiras cidades seja as “cidades dos mortos”, os cemitérios. Conforme aponta os historiadores da cidade, entre os quais Munford, a necessidade de ritualizar, de devotar, de conservar a memória dos mortos, das gens, faziam com que povos antigos criassem as cidades dos mortos. Não é à toa que os cemitérios contemporâneos tenham arruamentos, bairros, igrejas, cantinas, muros e outros elementos configurativos das cidades dos vivos.

Um olhar sobre a polis grega, sobre a Roma antiga, sobre as cidades medievais nos mostra que não há ali urbanização. São as mudanças na ordem da execução do trabalho impulsionado pelo uso de energias não-humanas, advindas de fontes da natureza, da maquinofatura, da nova relação do indivíduo humano com a natureza, do uso de novos instrumentos de trabalho, da nova forma de organização da economia, das relações entre lugares e regiões, das novas funções da filosofia e da ciência, que criam a urbanização como marca fundamental da evolução da sociedade moderna, sendo, portanto, um acontecimento recente e evolutivo em torno do qual se erige um modelo específico de sociedade: a sociedade capitalista. É compreendendo a forma de organização, a gênese, a dinâmica e os sentidos da sociedade capitalista que se encontram as respostas para se entender o acelerado processo de urbanização atual, geralmente desigual, todavia combinado aos centros hegemônicos tanto econômicos como políticos. Com efeito, a urbanização atual é produto e produz a cultura moderna que se reproduz nas paisagens das cidades.

De acordo com que sentença (BOSI, 1987, p.7), não se pode falar em cultura no singular, pode-se falar em singularidades culturais, pois somente existe cultura no plural. Cultura é a expressão da diferença mediante a qual os indivíduos, os povos, as etnias se expressam e se identificam como realidade

mutante e intercambiadora de jeitos, formas, conteúdos e manifestações que constituem símbolos, ritos, valores e comportamentos que criam e recriam as paisagens do mundo, dotando-as de sentidos e significados, os mais diferenciados.

Mediante o conceito mais clássico e lato de cultura, detecta-se que o mundo todo é uma produção cultural dos indivíduos humanos. Através da cultura, indivíduos humanos e mundo se fundem, se entrelaçam. O mundo é arte da cultura humana, cuja realização, dinâmica e movimento acontecem espacialmente, através das inúmeras paisagens, conforme os tempos. Não somente as cidades, as paisagens, os monumentos, a economia, as formas de vida, as religiosidades, a ciência, a arte, a filosofia, mas também a natureza é mediada e mediatizada pela cultura.

Deve-se perceber, por outro lado, que a cultura é a chave mais visceral no sentido de identificar o indivíduo humano. Este difere de outros animais, se expressa, ritualiza, inventa, reinventa, trabalha, comunica, se fecha, vive, morre, codifica, transfere, cifra e decifra segredos do universo, protagoniza e exerce o fascínio das fábulas, das mágicas mediante a obra cultural. A transformação, a mudança, as rupturas são possibilidades culturais humanas, na compreensão abrangente dela. Na cultura o indivíduo humano se fez; perante ela, ele se identifica enquanto tal. Absorvendo-a, construindo-a, intercambiando-a, ele associa e constrói o mundo, o espaço, as paisagens dando menção, classificação, valor e significado ao tempo.

A relação indivíduo humano-cultura-espaço-paisagem realiza as cenas do teatro da existência histórica, social e individual. Pela cultura o indivíduo busca compreender o mundo e compreender-se, joga-se no mundo entranhando-se nele. Como não existe cultura no geral, o espaço mediante os lugares expressos nas paisagens é que revela esta relação, concretiza-as, enraiza-as. A cultura é um ato de fusão mediante diferenças que se sedimentam na materialidade dos lugares, sendo possível falar, então, de cultura caipira, cultura urbana, materializando, também, as possibilidade de ver, perceber e agir no

mundo, através das paisagens, perante o ângulo e a o tempo dos lugares.

A paisagem urbana, neste sentido, data o tempo culturalmente absorvido e/ou produzido por tais ou quais comunidades humanas, macula a história nas formas, nos contornos e nos *modi vivendi* de uma dada população. A mediação do espaço e da paisagem na relação homem e mundo através da cultura nos evidencia o seguinte: ao mesmo tempo que, consoante à cultura, os indivíduos humanos, as classes, os grupos constroem o mundo; através dela se concretizam, se diferenciam, se identificam, se promovem como humanos. Por isso a cultura é a marca da pluralidade humana, dos jeitos, dos costumes, dos comportamentos, de suas obras, de seus desejos e de suas utopias. É uma pluralidade cambiante que não cessa e não se extingue. Mesmo com a morte física, o indivíduo continua vivo, adorado pela fé, representado pelos registros no cartório, reverenciado pelas lembranças, rememorado pela obra que deixou, enfim escrito e descrito nos lugares por onde sedimentou a sua existência e a sua sociabilidade.

Por outro lado, tal como coloca a teoria da paisagem geográfica, não existe cultura em si, livre das coisas do mundo. Somente é possível existir cultura, viva e avivada, ligada à economia, à política, à natureza e à história. É porque isto ocorre desta forma que se inscreve os conceitos de ENCULTURAÇÃO, INCULTURAÇÃO, ACULTURAÇÃO, TRANS-CULTURAÇÃO, DESCULTURAÇÃO etc. Isto tudo aborda a cultura, se forma a partir de intercâmbios, comunicações, intersubjetividades, que não se realiza apenas em produto, mas em comportamentos, em maneiras de agir, de ver e de atribuir valor, muita das vezes através de violência física ou simbólica ou de ambas como aconteceu com o processo de colonização dos países da América Latina. Cada traço humano, etnia, raça, valor, língua, comportamento, arte e outras maneiras que permeiam a atividade e os processos culturais, se constituem perante a história de uma comunidade, de um povo ou de um país, resguardados as diferenças e o grau de

hegemonização de cada ator envolvido, daí poder-se falar em cultura dominante, cultura dominada ou, então, em processos culturais endógenos e espúrios.

Diferentes culturas em diferentes paisagens

A diversidade de comportamentos de um grupo de jovens que cantam rappers, ou mesmo a forma com que os adolescentes se apropriam de um shopping, a maneira pela qual determinados grupos de idosos participam de entidades que tentam acabar com a sua solidão, a incessante correria dos trabalhadores, os diversos *points*, as modas e outros elementos que configuram formas de expressão dos indivíduos na cidade, nos incentivam a afirmar que há um *ethos urbanos*, que há uma maneira de comportar, de andar, de viver e de conviver com a história a partir das diferentes práticas e condições urbanas, ou seja, o que ocorre, tal como foi descrito anteriormente, é comum nas metrópoles do centro-sul do país, o que não ocorre nas cidades localizadas no interior do país, tal como Jataí, em Goiás, por exemplo.

O processo de urbanização concretizado nas cidades, de maneira geral, e nas paisagens urbanas, de maneira particular, nos faz perceber que determinadas relações sociais são expressões culturais, como as festas, o carnaval, o jogo de futebol e outros. Tais empreendimentos dão o toque subjetivo da cidade, constituem a alma urbana, geram identidades e promovem idéias, valores, sentidos e significados que se constituem em elementos materiais do fluxo e da dinâmica urbana, imbricando o objetivo e o subjetivo, mesclando a imagem e o imaginário, a ação do tempo e o pleito espiritual e ideológico dos diversos agentes que conformam tal realidade urbana. Isto indica: a cidade é formada também pela subjetividade, pelo corpo das multifaces das culturas, dos hábitos e dos comportamentos que, por sua vez, redirecionam imaginários e formas de ação política na construção e na reconstrução das cidades. Elementos como a polifonia dos agentes urbanos, os símbolos das forças atuantes, as variedades de formas,

a multiplicidade de personagens fazem com que a trilha dos olhos acompanhe as manifestações da paisagem urbana, refundando os aportes culturais e as suas expressividades.

A teoria cultural da cidade, partindo dos conceitos de identidade, produto e símbolos, esclarece que os indivíduos humanos são afetados na estrutura de suas significações, permeando o desenvolvimento da personalidade individual e social. Isto não se dá de maneira mecânica e igualitária. Pelo contrário, pelo fato de as metrópoles criarem ambientes cosmopolitas, diferentes, fragmentados criam, também, manifestações culturais diferenciadas, mesmo que haja agentes interessados em fundamentar tudo na estrutura do consumo; o mesmo ocorre em relação às cidades de menores portes, situadas e enfeixados por condutos sociais específicos. Uma cidade como Jataí-Go expressa, na paisagem de seu centro, ainda que revele elementos cosmopolitas como, por exemplo, a presença da estrutura bancária, o agito provocado pela rede comercial, a mistura de veículos importados do Japão com carroças, assim como usam a mesma calçada, aposentados urbanos, camponeses e latifundiários.

Isto exige que se pense pelo menos em três aspectos: a urbanização acelerada redundada na metropolização, que se torna centro irradiador dos *ethos* predominantes e hegemônicos para outros centros urbanos, tendo como meta fazer da cultura um elemento de aliciamento do consumo capitalista; a quebra de identidades e/ou mesclagem delas, executando a ANOMIA, a despersonalização das identidades tradicionais, criando conflitos e desestabilizando a cidadania e; os símbolos que ganham força histórica, formados que são por gerações que os reconstróem, de seu modo e à sua maneira, recriando os sentidos das paisagens e interferindo na absorção variada da população, como prova parte da população idosa de Jataí-Go, que tem um sentimento saudosista, ou embaralhando a percepção dos mais novos, não deixando que eles sejam capazes de interpretar a paisagem de sua própria cidade uma vez que ela é espúria.

A cultura passa pela via da leitura do imaginário da população, que constrói e ocupa determinada paisagem urbana, a se integrar em elemento de intervenção política, pois a maneira pela qual diferentes grupos fazem usos dos objetos urbanos e das localidades de uma cidade põe às claras as vontades, os desejos e as intenções que, muitas vezes, estão reprimidos e silenciados na latência que exige o convívio humano opressor. A pesquisa da forma com que estes grupos pensam e devotam valores aos objetos, aos monumentos, à cidade, tornam-se elementos de liberdade interior, em modos de expressão das utopias urbanas, ao desenhar paisagens passadas e paisagens futuras ludicamente desenham, de fato, cidades utópicas, indivíduos humanos utópicos, ou seja, que não são na realidade que os conforma, mas que desejam pela esperança que os nutre. Por outro lado, o conhecimento do centro, suas condições, a forma que relaciona com a cidade, sua caracterização exige que compreenda os processos sociohistóricos que o envolve.

Caminhando na história para chegar-se ao centro de Jataí-GO

As características, condições e aspectos que explicam o centro, ainda que tenham particularidades em relação ao tamanho, às formas, ao fluxo e às funções de tal cidade só podem ser entendidos, em grau profundo, se se levam em consideração os fatores e os condicionantes históricos. O centro das cidades gregas clássicas, por exemplo, obriga o entendimento do papel da polis, assim como a força dos monumentos católicos nas cidades do Império Romano ou, então, das cidades medievais, exige o entendimento do modo de funcionamento de tais sociedades. Isto é corroborado com a teoria do espaço, pois este não existe sem o tempo.

As transformações no centro urbano de Jataí estão intimamente ligadas às transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil e em especial neste município. Ao longo das duas últimas décadas,

Goiás passou por um desenvolvimento extraordinário. De um Estado, onde a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência eram as principais atividades econômicas, para um Estado de grandes e modernas lavouras, utilizando as mais avançadas técnicas do país. Por vários anos foram obtidas safras recordes, sendo a soja e o milho os principais produtos da lavoura mecanizada, visando atender aos mercados interno e principalmente ao externo.¹

Estas mudanças se deram no sentido de viabilizar o projeto nacional de pagar juros da dívida externa através de *superávits* de exportação na balança comercial brasileira. Desta forma, a década de 80 marcou, na região central do Brasil, a utilização do cerrado pela soja. Grandes infra-estruturas foram criadas, como a pavimentação de estradas, o desenvolvimento do programa de eletrificação rural para substituir o óleo diesel, a construção de vários graneleiros para armazenar a produção de grãos. Tudo isto sem alterar a estrutura fundiária, pois a terra continuou concentrada nas mãos de poucos.

As transformações ocorridas no campo, em Goiás, vão provocar grandes mudanças nas cidades. Como exemplo podemos citar as migrações campocidade na Região Centro-Oeste, que chega em 1991 a ser a segunda região mais urbanizada do país, com apenas 19,22% de moradores no campo.

No Brasil, a década de 70 foi marcada, entre outros aspectos, pela integração do território através da construção e pavimentação de estradas por todo país. Isto provocou enorme fluidez, permitindo grande mobilidade de mercadorias, pessoas e capitais. A região Centro-Oeste foi anexada ao centro do comando e produção do país, a Região Sudeste, levando Milton Santos a definir este arranjo espacial de "região concentrada"² Este autor coloca que

¹ DEUS, João Batista. *A urbanização de Goiás – O Caso de Catalão*. Dissertação de Mestrado, USP, 1996.

² SANTOS, Milton. *Urbanização Brasileira*. São Paulo Ed. Hucitec, 1993, p. 64.

a região Centro-Oeste se organizou para a formação de um capitalismo maduro.

Deste modo, percebemos que em Goiás houve a incorporação do capital constante no território, exigindo maior composição dos instrumentos de produção, como sementes selecionadas, fertilizantes, defensivos agrícolas, máquinas e implementos agrícolas. Estes fatos lavaram a exigência de mão-de-obra especializada, que fazia com que os sujeitos, apesar de exercerem atividades ligadas ao campo, tivessem como local de moradia as cidades, provocando mudanças na estrutura sócio-econômica dos municípios. Assim, surgiu em Jataí, como em várias cidades do Estado de Goiás, uma camada da população de nível técnico, especialmente ligado à agricultura.

O aparecimento desta mão-de-obra técnica em Jataí pressionou por melhoria dos serviços prestados à comunidade, tanto públicos ligados à infraestrutura urbana, como privados, com o incremento do comércio e melhoria na prestação de serviços. A incidência destes fatos provocou mudanças na paisagem em toda cidade, em especial no centro urbano, com o incremento das atividades econômicas. Vê-se, aqui, como que as mudanças históricas da região e a forma com que elas se territorializaram no município de Jataí, incitaram mudanças na cidade, em geral e no centro, em particular, comprovando a assertiva de Santos na qual apregoa que:

“El espacio es la materia trabajada por excelencia. Ninguno de los objetos sociales tiene una imposición tan grande sobre el hombre, ninguno está tan presente en lo cotidiano de los individuos. La casa, el lugar de trabajo, los puntos de encuentro, los caminos que unen esos puntos, son igualmente elementos pasivos que condicionan la actividad de los hombres y rigen la práctica social. La praxis, ingrediente fundamental de la transformación de la naturaleza humana, es un dato socio-económico, pero es también tributaria de los imperativos espaciales” (SANTOS, 1995, p.28).

Goiás encontra-se com o Brasil: o centro de Jataí

Com o intuito de compreender o centro comercial de Jataí, desvendando sua dinâmica e funcionalidade, optamos por pesquisar três avenidas: Goiás, Brasil e Rio Claro. Esta opção se deu porque são nestes locais que se concentram o comércio local e o teor de maior fluxo da cidade. Tal como prega este raciocínio *“o lugar central de uma cidade assume papéis de centro inovador, simbólico e de intercâmbios, características presentes nas expectativas de qualquer pessoa, relativas a um “centro de cidade”e, por isso, fundamentais para as imagens públicas da maioria das cidades (...)”* (DEL RIO, 1996, p. 4) é que serão desenvolvidas as reflexões.

A parcela do centro estudada é caracterizada por misturas de formas velhas e novas convivendo lado a lado. As formas, cuja funcionalidade são as atividades econômicas, entrelaçam com residências, demonstrando resistências às mudanças das últimas décadas.

As calçadas estreitas, remanescentes de tempos passados quando havia pouco movimento de pessoas, obrigam hoje os pedestres a disputarem espaço com o trânsito movimentado nos dias úteis da semana. O grande volume de carros nas ruas do centro com pouca largura fez com que algumas delas fossem transformadas em mão única. A falta de estacionamento é outro problema produzido pelas transformações ocorridas na cidade.

No centro uma das formas mais marcantes é a praça Tenente Diomar Menezes. Esta é um marco histórico e cultural, pois é local de festas e de manifestações políticas. Este objeto de referência da cidade é amplo com um coreto situado próximo à avenida Goiás, hoje todo descaracterizado. Existe também no centro da praça um marco relativo à construção de Brasília, pois foi em um comício em Jataí que o então presidente do Brasil JK lançou a idéia da construção da nova capital do país.

A falta de cuidado do poder público com a praça não corresponde ao seu resplendor de outro-

ra, quando era local de encontros e passeios da juventude local nos fins de semana. Sua função hoje é apenas de passagem para quem visita o centro comercial ou então como ponto de vendedores ambulantes, ponto de taxi, pit dogs etc.

O trecho mais movimentado da cidade está situado na avenida Goiás, que vai da praça Tenente Diomar Menezes – que tem defronte, o maior supermercado da cidade, o Shopping Estrelão, com grande movimento de carros e pessoas – indo até a rua Zeca Lopes. É neste trecho que estão localizadas as agência bancárias e, por conta disto, concentra o maior contingente de policiais durante o dia.

Apesar de a avenida Goiás ser a mais importante e a mais freqüentada, outras duas se destacam: a avenida Brasil e a Rio Claro. Dos dez transeuntes entrevistados 5 (cinco) afirmaram que as ruas que mais utilizam no centro da cidade são a Av. Brasil e Goiás e 3 (três) a Av. Rio claro e a Goiás. Nestas três avenidas foram coletados dados em 101 (cento e um) estabelecimentos comerciais, que separamos em 12 (doze) categorias, sendo elas: 27 (vinte e sete) de comércio de confecção, 8 (oito) de alimentação, 4 (quatro) de produtos musicais e fotográficos, 9 (nove) de móveis e eletrodomésticos, 6 (seis) de papelaria e similares, 6 (seis) de artigos para presentes e multiutilidades, 6 (seis) de farmácias e perfumarias, 8 (oito) de sapatarias e materiais esportivos, 6 (seis) de autopeças, 11 (onze) de prestação de serviços em geral, 3 (três) de produtos agropecuários e 6 (seis) de instituições financeiras (Bancos). Dos estabelecimentos pesquisados 25% abriram até 1970, 17% na década de 80 e 58% na década de 90.

O total de trabalhadores empregados pelos estabelecimentos acima citados perfaz um número de 962 (novecentos e sessenta e dois), sendo 330 (trezentos e trinta) trabalhadores ligados ao comércio de móveis e eletrodomésticos, seguidos pelos Bancos com 128 (cento e vinte e oito) pelo ramo de vestuário com 122 (cento e vinte e duas), empresas prestadoras de serviços com 96 (noventa e seis) e por 67 (sessenta e sete) trabalhadores no ramo de

alimentação. Os 219 (duzentos e dezenove) restantes estão distribuídos nos outros ramos de atividades. O conjunto de atividades e suas diferencialidades são, aqui, importantes, porque, tal como assegura Halbwachs “*um mesmo acontecimento pode afetar ao mesmo tempo várias consciências coletivas distintas*”. Mais à frente, o autor destaca que “*o acontecimento também se produz no espaço, e pode ser que um e outro grupo o percebam*” (HALBWACHS, 1990, P.115).

O importante é destacar que as atividades e os acontecimentos que incidem no centro de Jataí se colocam como espaços significativos diferenciados que fazem emergir diferentes tipos de condutas e consciências. Aprofundando esta questão os termos explica:

“Coloquemo-nos agora do ponto de vista dos indivíduos. Cada um é membro de vários grupos, participa de vários pensamentos sociais, seu olhar mergulha sucessivamente em vários tempos coletivos. É desde já um elemento de diferenciação individual de modo que num mesmo período, numa região do espaço, não é entre as mesmas correntes coletivas que se dividem as consciências dos vários homens. Mas, além disso, seus pensamentos recuam para mais/ou menos longe, deslocam-se mais ou menos rápido no passado ou no tempo de cada grupo (...)” (HALBWACHS, 1990, P.128).

Como ficou enunciado anteriormente, a paisagem tem um papel importante na configuração do espaço geográfico, pois a *forma* é uma construção no espaço, além disso é mediante ela que os grupos e os indivíduos olham, percebem e sentem o espaço. A cidade enquanto construção em grande escala é percebida ao longo do tempo, mas vivenciada no cotidiano dos cidadãos. Por isto cada cidadão tem a possibilidade de associação de imagens variadas de lugares e coisas impregnado de lembranças e significados.³ Deste modo a paisagem é historicamente

³ “Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade e a imagem de cada um está impregnado de lembranças e significado.” LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1997, p. 01.

construída ao longo do tempo, refletindo a maneira como os indivíduos se organizam e vivem.

Assim, a análise da paisagem nos leva a desvendar o papel da *forma* no espaço. Para Milton Santos "*forma e o aspecto visível da coisa*"⁴. Mas a paisagem, construída na relação do homem com a natureza, contém também significados, exerce uma função ligada tanto ao seu papel na estrutura sócio-econômica, quanto na produção subjetiva das *formas* no imaginário dos homens, que varia de indivíduos e/ou grupos. Por isto a cidade é produto de muitos construtores, criando ao mesmo tempo, várias formas de perceber o urbano e construí-lo, formando um todo. A imagem, produto das sensações imediatas dos indivíduos, é formada pelas experiências das gerações na sua relação com o meio, é o resultado de um processo bilateral, o observador e o seu ambiente.⁵

A análise do centro da cidade de Jataí-GO. faz perceber as profundas mudanças ocorridas na cidade nas últimas décadas. As entrevistas realizadas com 09 (nove) moradores desta localidade nos colocam o saudosismo dos tempos de outrora – os passeios na praça Tenente Diomar Mendes, a tranqüilidade existente pelo pouco de movimento de pessoas e carros, crianças brincando na rua – hoje totalmente transformada pelas mudanças na economia e na sociedade dos últimos tempos, criando uma nova "imagem coletiva". O Centro urbano de Jataí simboliza hoje o movimento, o sistema financeiro, o comércio, refletindo a substituição das moradias por atividades econômicas. Das pessoas, 36 (trinta e seis) entrevistadas, 21 (vinte e uma) têm, como primeira imagem do centro da cidade, as lojas, os bancos e o movimento de pessoas e carros. O movimento nesta área está sempre ligado ao corre-corre, ao

trânsito de veículos, a falta de estacionamento, às ruas estreitas. A função de lazer desaparece. O centro "morre" após o expediente de trabalho.

Esta imagem coletiva nos remete à proposta de Milton Santos de considerar o espaço como um conjunto de fixos e fluxos⁶. As ações estão ligadas aos elementos fixos de cada lugar. Os lugares são redefinidos pelos novos fluxos que são resultante das ações humanas. Desta forma, a configuração de um lugar tem sua existência material, mas ligadas à estrutura social existente no lugar que, por sua vez, como vimos, interfere na construção subjetiva das pessoas ligadas a tais ambientes.

As mudanças sócio-econômicas ocorridas em Jataí proporcionaram as transformações, tanto na forma de ver como no modo de agir e pensar o centro urbano da cidade. O incremento das atividades econômicas e financeiras, o aumento do fluxo de carros e pessoas destruíram e/ou deslocaram para outras partes da cidade os locais de sociabilidade, transformando a área pesquisada em local impróprio para moradia. Apesar disso surgem resistências: dos 9 (nove) moradores entrevistados apenas 1 (hum) mora no local há menos de 23 anos e 6 (seis) destes não gostariam de morar em outro bairro. Mas apesar da resistência eles não sabem o que poderia ser feito para mudar esta situação, demonstrando total alienação, pois não se vêem como produtor do espaço, daí, transferem este poder aos atores hegemônicos e/ou às instituições públicas, se sentindo inertes diante o poder do espaço. Com efeito, este é transformado em mercadoria no capitalismo, é impregnado de fetichismo⁷ onde o valor de troca sobrepõe o valor de uso, fazendo com que o espaço urbano deixe de ser o local do encontro, do lazer, da alegria para

⁴ SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1992, p. 50.

⁵ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1997, p.07

⁶ SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço técnica e tempo, razão e emoção*. Ed. Hucitec, São Paulo, 1996, p. 50.

⁷ DEUS, João Batista. *A urbanização de Goiás – O Caso de Catalão*. USP, Dissertação de Mestrado, 1996, p. 21

ser, através da centralidade imposta pelo capitalismo industrial, o local do sofrimento, do stress, da exploração⁸

Outra questão observada diz respeito às diferentes visões do objeto pelas quatro categorias estudadas. As entrevistas corroboram com a idéia de que cada sujeito, a partir de seu posto social, olha o mundo de maneira diferenciada. Em relação ao centro de Jataí, os transeuntes têm um olhar específico, a partir do qual constrói a sua consciência espacial, os lojistas, os moradores e o poder público, por sua vez, têm o seu olhar direcionado para outros alvos, que implementam outras formas de consciências espaciais. Isto ocorre porque não é possível desdesignificar o olhar. O olhar que olha o objeto olhado o faz fazendo referências significativas mediante interesses, posições sociais, tradição, saudosismo etc.

A pesquisa do centro tal como foi elaborada indica que qualquer proposta de mudança feita, que não leve em consideração os atores envolvidos e a sua percepção, corre o risco de fazê-la autoritariamente, pois os olhares se cruzam e, às vezes, se degladiam movidos por intencionalidades que cho-

cam e se diferenciam. Antes de mudar, recuperar, revitalizar, deve observar para quem se muda, a partir de que imagem, de que tipo de consciência espacial. Por outro lado, no centro de Jataí, o encontro de Goiás com o Brasil não é somente uma questão da toponímia local em relação ao nome das duas principais avenidas, mas também da construção da realidade, tal como foi evidenciada: o centro é incorporado à lógica da cidade que, por sua vez, incorpora-se à lógica das mudanças do município, do Estado de Goiás em relação ao que ocorre no país.

Tal como situa o raciocínio, o *"sólo mediante la descentralización será posible evitar que resulten congestionadas y últimamente inutilizables muchas facilidades que sólo pueden desplegarse con amplitud en las pequeñas unidades de los barrios"*(Mumford, 1990, P.112), ou seja, a concentração de atividades, para qual afluí um componente considerável da população de uma cidade, congestiona o uso do espaço ou degrada-o, não somente no uso mas em seu significado social mais amplo, o de ser um ambiente de qualidade para os cidadãos locais.

Bibliografia

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira – temas e situações*, São Paulo, Ática S.A 1.987.
DEL RIO V. E Oliveira L. De. *Percepção Ambiental*, São Paulo, Nobel, 1.996.
DEUS, J.B. *A Urbanização de Goiás – o caso de Catalão*, dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 1.996.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, São Paulo, Vértice, 1.990.
LEFEBVRE, H. *O Direito a Cidade*, São Paulo, Ed. Moraes, 1.991
LYNCH, K. *A Imagem da cidade*, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1.997.

⁸ Lefebvre, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo, Ed. Moraes, 1991, p. 4

MALTA, C. Campos Filho. *Cidades Brasileiras: seu controle ou o caos*, São Paulo, Nobel, 1989.

MUMFORD, Lewis. *Perspectivas Urbanas*, Buenos Aires/ Barcelona, Emerce Editores, 1995.

PAZ, Octávio. *El Arco y La Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1.986.

SANTOS, M. *Espaço e Método*, São Paulo, Hucitec, 1992.

_____. *Urbanização Brasileira*, São Paulo, Hucitec, 1.993.

_____. *De La Totalidad al Lugar*, Barcelona, España, Oikos-tau, 1995

_____. *Natureza do Espaço, técnica e tempo, razão e emoção*, São Paulo, Hucitec, 1.996.

SCARLATO, F. Capuano. *O Real e o Imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no Bairro*, Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1988.

